

ENTREVISTA | **FELIPE M. BRAGANÇA**
CINEASTA E PRODUTOR*‘Como imaginar uma revolução que não seja protagonizada por bichos, inclusive o humano?’*

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Nove produções brasileiras, dos mais diferentes cantos do país, já estão confirmadas para a 76ª Berlinale, sem contar os anúncios desta terça-feira, quando serão divulgadas as narrativas concorrentes ao Urso de Ouro de 2026, que entram em disputa de 12 a 22 de fevereiro. Desse contingente de expressões do Brasil, há uma voz autoral que já pode ser dizer “de casa” no Festival de Berlim: o carioca Felipe M. Bragança. Aos 45 anos, o cineasta, que cresceu entre o Centro do Rio e a Baixada Fluminense, estará em solo alemão na seção Forum Expanded com “Floresta do Fim do Mundo”, codirigido por Denilson Baniwa. Na trama Suely, indígena que vive numa grande cidade brasileira, passa os seus dias num apartamento. Em seus sonhos, ela se comunica com área florestal e se conecta aos segredos de um mundo em mudanças radicais.

Realizador de produções premiadas como “Um Animal Amarelo” (2020), o cineasta – sócio da diretora Marina Meliande na produtora Duas Mariola Filmes – desenvolve hoje, em codireção com Zahy Guajajara, o projeto “Makunaíma XXI”, que tem o arlequim francês Denis Lavant (de “Holy Motors”) no elenco, também focado nas ancestralidades dos povos da selva – e no anti-herói de Mario de Andrade. Bragança hoje produz o primeiro longa de Leonardo Martinelli, chamado “Fantasma Neon”, em referência ao curta que deu a esse jovem diretor o troféu de Locarno, na Suíça, em 2021, e uma penca de Kikitos em Gramado. Está envolvido ainda na concepção do próximo longa de Meliande, sua parceira em “A Alegria”, exibido na Quinzena de Cannes de 2010.

A troca é a base da criação de Bragança, como explica Baniwa, seu parceiro na feitura de “Floresta do Fim do Mundo”:

“Meu trabalho com o Felipe é profundamente colaborativo. Não existe uma hierarquia rígida; existe escuta, troca e risco compartilhado. Eu entro trazendo meu repertório visual, político e cosmológico, e ele traz a experiência cinematográfica, política, a estrutura narrativa e o desejo de experimentar a linguagem. O filme nasce desse encontro com vários alinhamentos muito intuitivos”.

O prestígio de que Bragança desfruta em nossas telas ganhou solidez depois de sua vitória na seção Aurora da Mostra de Tiradentes, nas Minas Gerais, em 2009, com “A Fuga, a Raiva, a Dança, a Bunda, a Boca, a Calma, a Vida da Mulher Gorila”. O título “A Fuga da Mulher Gorila” é mais usado ao se falar desse trabalho de Bragança e Meliande. Não por acaso, a dupla vai revisitar esse êxito na 29ª edição do evento mineiro na próxima segunda (26), às 18h. Antes, neste sábado, às 22h, eles exibem em Tiradentes o recente “Uma Baleia Pode Ser Dilacerada Como Uma Escola De Samba”.

Na conversa a seguir, o cineasta revela ao Correio da Manhã as suas inquietações criativas.

